



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de entrega da 17ª edição do Prêmio Anamaco 2008**

São Paulo-SP, 12 de agosto de 2008

Marcio Fortes, ministro das Cidades,

Meu querido companheiro Luiz Dulci, ministro-chefe da Secretaria-Geral
da Presidência da República,

Meus queridos companheiros senadores Aloizio Mercadante e Ideli
Salvatti, a quem agradecemos muito pelo esforço, junto com os senadores e
deputados, por votarem todas as mudanças que nós precisamos fazer na
legislação para facilitar o setor da construção civil,

Meu caro companheiro Cláudio Elias Conz, presidente da Anamaco,

Meu caro Getúlio Nogueira de Sá, presidente do Conselho Deliberativo
da Anamaco,

Senhora Maria Cristina Potomati Fiúza, vencedora do troféu
Personalidade da Indústria de 2007,

Senhor Antonio Lopes Castilho, vencedor do troféu Personalidade do
Comércio de 2007,

Senhor Marcos Campos Bicudo, vencedor do troféu Inovações
Tecnológicas de 2007,

Senhoras e senhores profissionais do ramo de materiais de construção,

Meus amigos e minhas amigas,

Se eu tivesse a voz do Agnaldo Rayol, eu iria cantar, em vez de falar.
Como Deus me fez político e o fez cantor, vamos deixar a cantoria para ele e
eu vou me ater aqui ao meu pequeno discurso. Não se assustem porque o
papel é muito grosso e as letras são muito grandes para que eu não tenha que
usar óculos.



Antes de mais nada quero, do fundo do meu coração, agradecer esta homenagem e, sobretudo, dividi-la com centenas de milhares de trabalhadores e empresários que participam diretamente do grande canteiro de obras aberto pela retomada do desenvolvimento brasileiro. Estão na linha de frente desse esforço conjunto os 138 mil lojistas representados pela Associação Nacional dos Comerciantes de Material de Construção. Os números comprovam o vigor da sua presença na engrenagem do nosso crescimento.

Sabemos que cimento, areia, tijolo e brita, entre outros itens que compõem 77% da cesta básica da construção, são vendidos no balcão do pequeno e do médio comerciantes do setor. Com o apoio dessa rede espalhada por todo o País constroem-se casas, ruas ganham nova face, bairros desabrocham e cidades inteiras se expandem. De janeiro a julho deste ano, o faturamento dessa verdadeira usina urbana de construção cresceu 9,5% em relação a 2007. Significa que o gasto da família brasileira com obras e habitação continua expandindo em todas as classes sociais, depois de já ter crescido 7% em 2007.

Não poderia ser diferente. A casa, como vocês sabem, é o mais arraigado de todos os sonhos do ser humano. Ela é a expressão mais corriqueira de dois sentimentos universais a todas as culturas: o amor e a segurança. Amor, segurança e coabitação são aspirações indissociáveis. Por isso, a expansão do emprego, da renda e do crédito verificada em nosso País, teria que necessariamente desaguar – como de fato vem ocorrendo – neste ciclo efervescente de obras, reformas e crescente demanda por material de construção.

A colher de pedreiro, meus amigos e minhas amigas, é sem dúvida um símbolo desse gigantesco metabolismo em construção. Passa por ela o sonho da casa própria de milhões e milhões de brasileiros e brasileiras. Converge para a colher de pedreiro uma enorme gama de produtos fornecidos pela indústria da construção, que contribui com 60% do investimento nacional. A



colher de pedreiro espelha o apoio de milhares de comerciantes que freqüentemente fazem as vezes do arquiteto, do engenheiro, do conselheiro, do amigo e do fiador de seus clientes.

Quero aqui abrir um parêntese para homenagear todos vocês na figura do companheiro Antonio Carlos Castilho. Foi dele que eu, tantas vezes, comprei um saco de cimento, meio metro de areia, uma barra de cano, um pouco de cal e blocos para adequar a casa ao crescimento da família. É assim, muitas vezes na confiança do fio de bigode, que milhões de brasileiros realizam o sonho da casa própria neste imenso e vasto país.

A colher de pedreiro condensa, sobretudo, as energias, o suor e o esforço de mais de 2,1 milhões de trabalhadores. Muitos deles, nordestinos como eu, empregados neste momento na construção civil brasileira. Vem de suas mãos o esforço maior para erguer os canteiros de obras que voltaram a vibrar no mapa do Brasil, de Norte a Sul, de Leste a Oeste de nosso território.

Para nosso governo, a política econômica é como uma colher de pedreiro. É uma ferramenta, o meio para liberar energias e materializar sonhos, um instrumento para gerar empregos e reduzir desigualdades. Para providenciar, enfim, a argamassa necessária a uma democracia política que está sendo também de oportunidade econômica e equidade social para todos os filhos desta terra. Quero afirmar com muita sinceridade, mas com legítimo orgulho: a sociedade brasileira vive um momento singular de fortalecimento do desenvolvimento com justiça social. Há otimismo no ar do Brasil.

Há muitas transformações em marcha e outras prestes a acontecer. Há um sentimento de confiança da sociedade nela mesma e no futuro. Não falo apenas de sentimento, mas de conquistas que vieram para ficar, porque atendem a um clamor secular da nossa história. Vimos condições objetivas e subjetivas para que elas pudessem florescer e frutificar e, deste modo, regenerar a face social do Brasil.

Nos últimos cinco anos diminuimos em quase um terço o contingente de



brasileiro pobres. Reduzimos à metade o segmento dos que viviam na miséria. Devolvemos sentido à expressão mobilidade social. Construimos um mercado de consumo de massa em que a classe média já representa quase 52% da nossa população. Fizemos do mercado interno o grande motor do desenvolvimento nacional, que consolida o salto deste país na hierarquia das nações neste século que se inicia.

Mais importante que tudo é a percepção de que o Brasil recuperou o comando do seu próprio destino. Temos lastro financeiro, estabilidade monetária, alicerce político e organização popular para ancorar o ingresso de nosso povo no maior ciclo de desenvolvimento de toda a história brasileira. O trabalho formal cresce em todo o país, a uma taxa da ordem de 9% ao ano. Criamos mais de 9,5 milhões de vagas com carteira assinada nos últimos cinco anos. Na construção civil, o nível de emprego dobrou no primeiro semestre, em relação ao igual período de 2007. São mais de 2 milhões de empregos com carteira assinada.

Pedreiros, carpinteiros, azulejistas, marceneiros, trabalhadores qualificados da construção civil, que haviam perdido o piso profissional na longa retração dos anos 80 e 90, recuperam agora sua dignidade e o poder aquisitivo em todo o país. Nosso parque fabril registra o melhor primeiro semestre de toda a história. Em São Paulo, a indústria cresceu quase 10% de janeiro a julho. As vendas dos supermercados mostram salto de quase 9% na mesma base de comparação. Já a inflação, que teve pequena elevação em função, sobretudo, dos preços internacionais, está desacelerando em diferentes faixas de consumo.

Desenvolvimento existe para isso. Para encurtar as distâncias econômicas e sociais e tirar milhões de brasileiros e brasileiras das filas de espera da cidadania. A construção civil, que cresceu 21,7% ao longo do nosso governo, é uma das locomotivas dessa acentuado avanço do nosso país. Para que o setor viesse a desempenhar essa missão, nivelamos o terreno nos



últimos anos. Mais de uma dezena de decisões jurídicas, fiscais e de crédito foram tomadas.

Saímos de um financiamento imobiliário da ordem de 2,3 bilhões de reais, em 2003, para 25 bilhões de reais agora. E queremos chegar, até dezembro, a 30 bilhões de reais. Mais de 65 produtos da cesta básica da construção tiveram corte de IPI. E eu sei que vocês gostariam que o exemplo federal fosse imitado nas esferas estaduais.

Nosso desafio maior não é apenas erguer moradias. Trata-se de reconstruir os fundamentos da cidadania, num país que já reúne a quarta maior taxa de urbanização do Planeta. Sabemos que um verdadeiro lar não começa nem termina entre quatro paredes: a segurança da rua é sua extensão natural; o saneamento do bairro, a condição de saúde da família; a iluminação, o lazer e a escola, os marcos de referência urbana de uma juventude a salvo do tráfico e da violência.

Por isso, o PAC reservou 170 bilhões e 800 milhões de reais para investir em infra-estrutura social e urbana até 2010, incluindo saneamento, habitação e transporte. Esse compromisso expressa uma certeza: não se transforma uma sociedade à margem do seu povo, não se humaniza uma cidade sem cidadania e não há cidadania sem moradia digna. A casa é, foi e sempre será a face de um povo, esculpida em pedra e cal.

Meus amigos e minhas amigas,

Eu quero pedir permissão, já que no meio de vocês parece que a obrigatoriedade é falar apenas três ou cinco minutos. E como todos vocês precisam fazer um bom regime nos próximos dias, quero ocupar o tempo de vocês com mais algumas palavras.

O Brasil vive um momento que eu considero quase um momento mágico. Vocês, tanto ou mais do que eu, são prova e testemunha de que estão acontecendo no Brasil coisas que, até outro dia, imaginávamos que não poderiam acontecer.



Não é apenas a construção civil que vive um momento excepcional no nosso país, depois de 20 anos à espera de uma oportunidade. Depois de 20 anos em que a gente só conheceu a palavra “desemprego” no setor, o setor volta a crescer de forma extraordinária, e ainda está longe de atingir o potencial que nós, do governo, esperamos que a construção civil possa atingir neste país. Afinal de contas, ainda tem milhões de brasileiros querendo a sua casa própria, querendo arrumar a sua garagem, mudar o banheiro, mudar o piso da sala.

Portanto, nós temos um extraordinário potencial de crescimento. Quero dizer para vocês que, no que depender do governo federal... Nós temos ainda, no meu caso, dois anos e meio de governo, nós iremos fazer o esforço que for necessário para que a gente possa continuar incentivando mas, ao mesmo tempo, criando as condições para que o setor possa cada vez mais crescer, vender, gerar emprego, e cada vez mais os brasileiros morarem em moradias mais dignas e mais decentes.

A segunda coisa que eu acho extremamente importante e vocês, certamente, são conhecedores disso: a Caixa Econômica Federal nunca, na sua história, teve a quantidade de recursos para financiamento que tem agora. E nunca, na sua história, contratou a quantidade de habitações que está contratando neste momento.

Nós sabemos que podemos ainda mais. Sabemos que o setor financeiro privado pode contribuir muito mais, porque quando nós mudamos a legislação e permitimos que a casa pudesse ser tomada se o cidadão não pagasse, nós estávamos apenas dizendo às pessoas que queriam investir: invistam, porque o dever de todos aqueles que comprem é pagar, e se não pagar tem que perder o imóvel, como perde o carro, como perde a geladeira, como perde qualquer coisa. Parecia uma coisa absurda, no Brasil.

Estamos vivendo o mesmo com os caminhões. Eu quero renovar a frota de caminhões neste país. Para renovar a frota de caminhão, é preciso ter



garantia. Para ter garantia, não existe outra hipótese se o caminhão não for a própria garantia. Mas a lei diz que o caminhão não pode ser dado em garantia, porque é utilitário. Parece que estão defendendo o caminhoneiro, mas se não tem garantia, não tem caminhão novo. Não tendo caminhão novo, não tem produção de novos caminhões, mais caminhões novos nas estradas, mais empregos, mais economia e mais desenvolvimento para o país. Eu tenho certeza de que nós vamos conseguir também fazer essa mudança necessária.

Mas não é apenas isso. A indústria automobilística brasileira, que há três anos aparecia no meu gabinete dizendo que não agüentava mais fechar em vermelho, “porque está tudo vermelho, está tudo vermelho”... Não agüentava mais, parecia a bandeira do Partido Comunista chinês, de tão vermelho que estava. A indústria automobilística brasileira está produzindo e vendendo como nunca vendeu na sua história. A ponto de, esta semana, termos a boa notícia de que a indústria automobilística brasileira passou a ser a 6ª indústria automobilística do mundo, ultrapassando os nossos amigos franceses. E ainda não chegamos onde precisamos chegar, temos mais potencial e temos mais de 20 bilhões de reais de investimento da indústria automobilística nos próximos três anos. Vocês já estão percebendo que quase toda a indústria automobilística brasileira está trabalhando em três turnos, para que a gente possa produzir as necessidades do mercado.

Eu digo sempre que tem três coisas que o brasileiro adora: primeiro, todo brasileiro gostaria de casar com uma mulher bonita, e toda brasileira com um homem bonito, nem sempre os dois têm sorte. Mas todo brasileiro também gostaria de ter uma casa própria e um carro novo. São as três paixões do brasileiro.

Agora começou a mudar porque, para os nossos filhos, já não é mais um carro, é um computador novo. A cada vez que aparece um novo no mercado, ele quer ter, é a paixão dele, para passar a noite namorando sem ver a mulher,



coisa que a nossa geração não fazia, só valia namorar se a gente estivesse próximo. Um dia eles vão descobrir que é melhor.

Pois bem, não é apenas esse setor. O setor da indústria de papel e celulose está crescendo muito no País. As fábricas de cimento, vocês acompanham. Estamos, neste momento, construindo 10 fábricas novas de cimento no Brasil. Estamos construindo duas hidrelétricas novas, foi feita a concessão agora para Jirau e Santo Antônio e, se Deus quiser, no ano que vem nós vamos fazer a concessão de Belo Monte, no Pará, para que a gente possa produzir mais 11 mil megawatts. Mas não é apenas isso. Queremos fazer mais quatro siderúrgicas no Brasil, e tudo isso tem que ser anunciado este ano ou, no mais tardar, até março do ano que vem.

Em março, iremos fazer o leilão do trem-bala, ligando Rio de Janeiro-São Paulo-Campinas, para que a gente possa colocar o Brasil no padrão de Primeiro Mundo.

E, mais importante ainda, com a descoberta do pré-sal, nós começaremos a tirar os primeiros barris de petróleo agora. Em março do ano que vem vamos começar a tirar 20 mil barris de petróleo do pré-sal. Vamos fazer teste por aproximadamente seis meses para depois, então, começar a produção normal, quem sabe de 100, 180, 200 mil barris. Vamos construir uma refinaria de 600 mil barris/dia para produzir gasolina premium, a um custo de 19 bilhões de dólares, e vamos produzir uma outra de 300 mil, a um custo de 11 bilhões de dólares, para que a gente possa produzir gasolina premium e exportar, porque o Brasil não pode ser apenas exportador de óleo cru. Nós queremos ser exportadores de derivados para colocar valor agregado e para ganhar mais dinheiro para o país.

Por conta do petróleo, nós vamos ter que produzir, até 2014, praticamente 200 navios. Vamos ter que contratar 38 sondas. Cada sonda custa, na verdade, 700 milhões de dólares. E vamos ter que construir dezenas de plataformas neste país.



Estou dizendo isso para sair daqui com a certeza de que convenci vocês de que este país não tem retorno, de que o crescimento econômico não é um vôo de galinha, como tantas vezes fomos enganados neste país. Anunciava-se um plano econômico, parecia que a gente ia para o céu e, no dia seguinte, a gente estava num buraco, devendo tudo aquilo que foi a nossa crença no anúncio feito pelo governo.

Vocês perceberam que nós dizíamos desde o começo: não tem mágica. Não existe mágica em política econômica. Nós não vamos juntar os melhores doutores das universidades de Economia para elaborar um plano teoricamente perfeito que, na prática, não suporta a pressão da sociedade.

Resolvemos fazer a política do pragmatismo. Vocês sabem o que nós fizemos: nenhum governo, na história deste país, teve coragem de fazer o ajuste fiscal que nós fizemos em 2003. Quem entende um pouco de economia, sabe que nós cortamos no sangue, porque eu tinha que trocar o capital político da minha eleição pela possibilidade de normalizar a estabilidade econômica deste país e controlar a inflação. Hoje, eu posso dizer a vocês: o momento que nós vivemos é extremamente importante. Tão importante, que se vocês pegarem todas as listas dos países do mundo hoje, o Brasil é o único que está com a inflação dentro da meta estabelecida. Todos estouraram e nós conseguimos agüentar.

Todo mundo já está acompanhando, a inflação começou a cair, sobretudo a chamada inflação importada, aquela das commodities... Estamos convencidos de que vamos manter a inflação dentro das metas para os próximos anos. Vamos conseguir, com isso, dar segurança para que aqueles que vivem de salário possam entrar nas lojas de vocês e comprar um pouco mais de material de construção, porque eles vão saber que poderão pagar no fim do mês. Eles vão saber que vão contrair uma dívida e no final do ano saberão quanto estão devendo, e não como quando a inflação estava em 80%, que se comprava de manhã e já não se sabia qual o preço do mesmo produto



às seis horas da tarde.

Mais importante que isso, é que a manutenção dessa política de coerência, de não tomar nenhuma medida precipitada, de chamar todos os setores para conversar – eu duvido que tenha um segmento neste país, seja de empresários, operários, catadores de papel na rua, duvido que tenha um setor que não tenha sido chamado para dentro do Palácio – para a gente construir juntos as alternativas. A desgraça deste país é quando os governantes pensam que sabem tudo, ou contratam algumas pessoas que pensam que sabem tudo, e a partir daí, sem ouvir nenhum segmento da sociedade, começam a tomar decisões sem saber quais os efeitos negativos ou positivos que vão recair nas costas das pessoas.

Às vezes, precisamos fazer as coisas de forma mais demorada, com mais paciência. Uma reunião a mais, não tem problema. Duas reuniões, não tem problema. O dado concreto é que temos que fazer com uma consistência que dê segurança às pessoas que vão investir o seu capital. Que as pessoas que vão comprar casa também tenham garantia. Que aqueles que vão comprar material também tenham garantia de que o marco regulatório da economia está garantido. Isto, eu posso garantir a vocês.

Já no meu final de mandato – final de mandato não, faltam dois anos e meio – posso garantir a vocês que não existe eleição, não existe nada neste país que me faça brincar com economia. Eu não sou economista. Aprendi muito com o Aloizio Mercadante, com o Guido Mantega e outros companheiros, a única coisa que eu sei: quando a economia não dá certo, apenas meia dúzia de especuladores, como estes que especularam na questão imobiliária norte-americana, ganham muito dinheiro. Quando a economia não dá certo, a inflação volta e quem perde é o povo pobre deste país, que deixa de trabalhar e de consumir. E se deixar de trabalhar e de consumir, vocês irão vender menos, e vendendo menos, também terão dificuldades para se desenvolver.

Este compromisso, eu quero que vocês saibam: a minha fé no



crescimento deste país, a minha fé de que este país se transformou em uma economia sólida. Vocês sabem que dez anos atrás, se houvesse uma crise como essa que teve nos Estados Unidos, uma gripezinha daquelas, aqui já estaria todo mundo com pneumonia. A crise atingiu os Estados Unidos, atingiu a Europa e nós aqui estamos atentos, olhando com muita atenção, mas até agora não mexeu com o nosso país. Se Deus quiser, quero estar vivo para, daqui a 10 ou 15 anos, ver este país, que todos amamos e em que todos nós trabalhamos, se transformando senão na primeira na segunda ou na terceira, mas na quarta, na quinta, na sexta economia do mundo.

Nós temos gente competente, temos potencial e conhecimento tecnológico e temos disposição de fazer com que este país, de uma vez por todas, deixe de ser o eterno país emergente para se transformar em uma grande nação desenvolvida, seja na área da construção civil, na área da metalurgia, na área do conhecimento científico e tecnológico, porque também estamos fazendo muito investimento em educação.

Vou terminar dando estes números: em 100 anos, neste país foram construídas 140 escolas técnicas. Em oito anos vamos construir 214 escolas técnicas. Vamos inaugurar, quando terminar o meu mandato, 10 universidades federais novas, 48 extensões universitárias e mais duas universidades: uma afrodescendente, para brasileiros e africanos, e outra latino-americana, porque achamos que é através do conhecimento que a gente vai passar a comercializar inteligência no mundo, e não apenas matéria-prima.

Este Prêmio que vocês me deram eu vou levar para casa, é a minha medalha de ouro. Eu não tinha ganhado nenhum ainda, vou levar para casa com o mesmo sabor, um pouquinho mais, da medalha de bronze que nós já ganhamos na China, nesses dois dias.

De qualquer forma, eu saio daqui orgulhoso, não apenas pela minha colher de pedreiro, que eu espero nunca usá-la para nunca estragá-la. Eu saio



Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República

daqui orgulhoso porque vocês fazem parte daqueles brasileiros que ajudaram a gente a fazer com que vocês e o Brasil pudessem crescer um pouco mais.

Que Deus abençoe todos nós. E que o Brasil siga crescendo.

(\$211A)